

**PERCEÇÕES CRUZADAS DE RUSSOFALANTES E DE PORTUGUESES –
UMA PERSPETIVA DA LINGUÍSTICA POPULAR**

**THE PERCEPTIONS OF RUSSIAN AND PORTUGUESE SPEAKERS ABOUT
LANGUAGE – FROM A FOLK LINGUISTICS PERSPECTIVE**

Tatiana Guzeva ¹

Universidade de Aveiro (Portugal)

Maria Helena Ançã

Universidade de Aveiro (Portugal)

Resumo: Com o início da imigração da Europa do Leste em Portugal, no início deste século, foi premente repensar o ensinar da Língua Portuguesa (LP) a uma comunidade ‘distante’, do ponto de vista linguístico e cultural, e sem conhecimento prévio da língua oficial (até então predominavam os imigrantes dos países africanos, ex-colónias portuguesas). Tendo em conta que esse público pretendia fixar-se e integrar-se na sociedade, o domínio da LP era fundamental. Numa perspetiva da linguística popular, e para ter algum entendimento sobre as perceções desta comunidade sobre a LP e seus falantes, e dos portugueses sobre esta comunidade e sobre a Língua Russa (LR), realizámos 16 entrevistas semiestruturadas a sujeitos leigos em linguística. Analisámos o seu perfil sociolinguístico, identificámos e comparámos os seus comentários ‘vulgares’, no quadro de uma Educação em Português. Os resultados apontam para importância de um contexto (socio)cultural empático para a aprendizagem eficiente duma língua, neste caso, da LP, e ainda para a implementação de estratégias didáticas que desenvolvam o conhecimento (inter)linguístico e (inter)cultural dos russosfalantes, e consequentemente a sua integração.

Palavras-chave: Educação em Português; Russosfalantes; Integração; Linguística Popular.

Abstract: With the beginning of Eastern European immigration in Portugal, at the beginning of the century, it became pressing to rethink the teaching of Portuguese Language (LP) to a ‘distant’ community, from the linguistic and cultural points of view, and without previous knowledge of the official language (until then, immigrants from African countries, former Portuguese colonies, predominated). Bearing in mind that this public intended to establish and integrate itself in society, mastering LP was fundamental. From the perspective of folk linguistics, and in order to have some understanding on the perceptions of this community regarding LP and its speakers, and of the Portuguese about this community and about Russian language, we conducted 16 semi-structured interviews to lay people in linguistics. We analyzed their sociolinguistic profile, identified and compared their ‘vulgar’ comments within the framework of an Education in Portuguese. Results point towards the importance of an empathetic (socio)cultural context for the efficient learning of a language, in this case LP, and also for the implementation of didactic strategies that develop the (inter)linguistic and (inter)cultural knowledge of Russian speakers, and consequently their integration.

Keywords: Portuguese Language, Integration, Interculturality, *Folk Linguistics*.

Introdução

¹ Doutoranda em Educação na Universidade de Aveiro, Email: tatiana.guzeva@ua.pt.

No início dos anos 2000, depois de ‘esgotada’ a possibilidade de fixação no Norte da Europa, os cidadãos oriundos da Europa do Leste e da Ásia Central vieram descendo até encontrar, na Europa do Sul, a Península Ibérica e Portugal. Não tinham quaisquer laços históricos ou linguísticos² com este território, havendo, aliás, nessa altura, um enorme desconhecimento sobre o país e sobre a Língua Portuguesa (doravante, vez ou outra, LP). Esta situação contrastava com a de outros imigrantes, sobretudo dos africanos provenientes de países outrora colonizados por Portugal, cujo domínio linguístico, embora ‘deficiente’, permitia comunicar. Colocava-se, então, um novo desafio para quem chegava e para quem acolhia: como ensinar/educar em LP para que este novo público se integrasse harmoniosamente na sociedade portuguesa?

A Educação em Português – entendendo por esta lexia um campo mais lato do que a ‘aula de Português’ e do que o contexto formal, mas, com efeito, incluindo-os –, poderia contribuir para esse desígnio. Teria, no entanto, ela própria de redimensionar o seu ‘papel normativo’ ao realçar os conhecimentos eruditos ou científicos, descurando os conhecimentos não científicos ou ‘vulgares’. Ora, parece-nos que a conciliação de ambos os tipos de conhecimento seria uma mais-valia pelo acréscimo de informação (cultural, linguística...) e por dar voz aos sujeitos ‘produtores’ de tais conhecimentos. Por que não ter em conta os comentários desses sujeitos ‘vulgares’, não especialistas (*real people*, NIEDZIELSKI e PRESTON, 2003, 1999; PRESTON, 2002)? Através deles teremos acesso a crenças, convicções sobre as línguas e/ou sobre a sua aprendizagem que podem contribuir para uma abordagem didática mais atenta e mais alargada. E, neste quadro, cruzamo-nos com a *Folk Linguistics* (FL), ou tentando traduzir³, com a linguística popular.

É, então, objetivo do presente texto analisar e cruzar as perceções de dois grupos de sujeitos não especialistas (em Línguas, Linguística, Didática de Línguas): russofalantes sobre a LP, e portugueses sobre a Língua Russa (doravante, vez ou outra, LR), numa perspetiva da linguística popular. Os dados foram recolhidos através da realização de dezesseis entrevistas semiestruturadas e analisadas posteriormente. Foi utilizada a análise de conteúdo (BARDIN, 2016) e definidas duas grandes categorias: perceções sobre as línguas (portuguesa e russa) e perceções (inter)culturais.

² Só os romenos e moldavos tinham como língua materna uma língua românica. Todos os outros eram falantes de línguas eslavas.

³ A designação ‘linguística popular’, no nosso ponto de vista, suscita uma certa ambiguidade, porque pode remeter para os registos de língua hierarquizados (erudito, comum, familiar, popular...), nos quais o registo popular ficará no último patamar.

Este texto estrutura-se em quatro blocos, sendo o primeiro um breve enquadramento teórico, o segundo destinando-se ao estudo empírico, seguido de um terceiro, em torno da discussão de dados, e, por fim, num quarto bloco, apresentamos as considerações finais.

1. Fluxos migratórios em Portugal

No início de século XXI, Portugal conheceu uma nova realidade com fluxos migratórios de vários pontos de mundo, nomeadamente estrangeiros originários na maioria dos países africanos (ex-colónias portuguesas), que começaram a chegar logo a seguir às independências, a partir de 1975, mas que se consolidaram como comunidades nessa altura, e ainda dos países da Europa do Leste, Ásia Central (ARROTEIA, 2007), Ásia Oriental e América Latina.

Por movimento migratório, entendemos as deslocações de pessoas agrupadas ou não no espaço, durante um determinado período, por causas económicas, naturais, socioculturais, bélicas ou religiosas. A permanência nos países escolhidos pode apresentar uma duração variada e ter motivos diversificados para o abandono do seu país. O caso deste recente movimento migratório em países da Europa, e principalmente em Portugal, foi consequência da consolidação e do alargamento da Comunidade Económica Europeia, mais tarde designada por União Europeia, da queda do muro de Berlim e do desmembramento da União Soviética. Estes acontecimentos originaram processos migratórios atraídos e incentivados pelas sociedades europeias que por sua vez necessitavam de mão-de-obra, enquanto os países da ex-URSS não conseguiam manter no seu solo os seus cidadãos devido à instabilidade económica que atingiu esses países no pós-independência, nos fins dos anos 90 (BAGANHA; GÓIS; MARQUES, 2010).

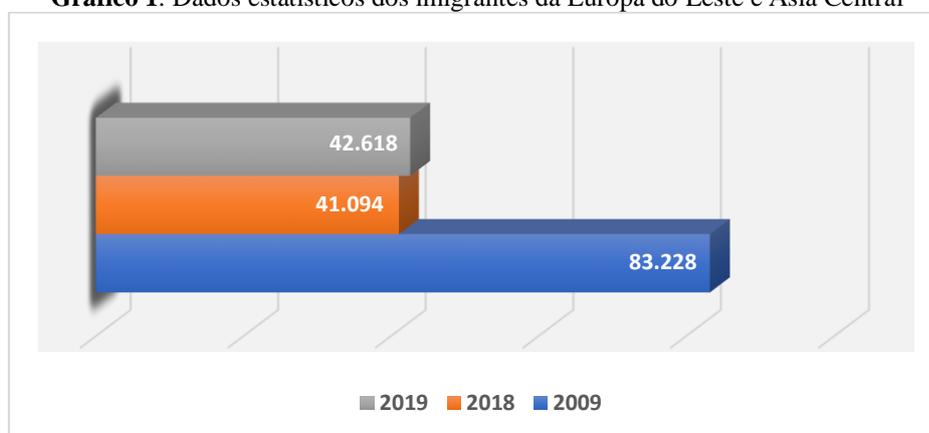
De acordo com os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) (2012), o total de população estrangeira em Portugal, na década de 2000-2010, cresceu cerca de 1,6% atingindo o seu auge no ano de 2009, representando 454.191 estrangeiros residentes em Portugal. Deste universo populacional, cerca de metade são oriundos dos países oficiais de língua portuguesa (47,9%), a outra metade dividida entre estrangeiros vindos da Europa do Leste e da Ásia Central, com maior destaque para a Ucrânia (11%)

e Roménia (9%), sendo a comunidade ucraniana no ano de 2009 a segunda maior comunidade⁴ a seguir à brasileira (SEF, 2009).

A partir de 2009 e até 2016, os Relatórios do Serviço Estrangeiros e Fronteiras (SEF) apresentam algum decréscimo na totalidade de população estrangeira em Portugal. Contudo, a partir de 2016, começou a observar-se a inversão da tendência de decréscimo dos estrangeiros em Portugal, para, em 2019, pelo quarto ano consecutivo, se verificar um acréscimo da população, apresentando 590.348 cidadãos estrangeiros legalizados no território português (SEF, 2019)⁵.

No que diz respeito aos cidadãos vindos da Europa do Leste e Ásia Central, pode-se observar no gráfico 1, comparando com o ano de 2009 – ano do auge de crescimento de população em Portugal – que continuam em decréscimo. Todavia, e, de acordo com o último Relatório do SEF (2019), em 2019, comparativamente ao ano de 2018 (SEF, 2018), observa-se um aumento de 3,71%.

Gráfico 1. Dados estatísticos dos imigrantes da Europa do Leste e Ásia Central

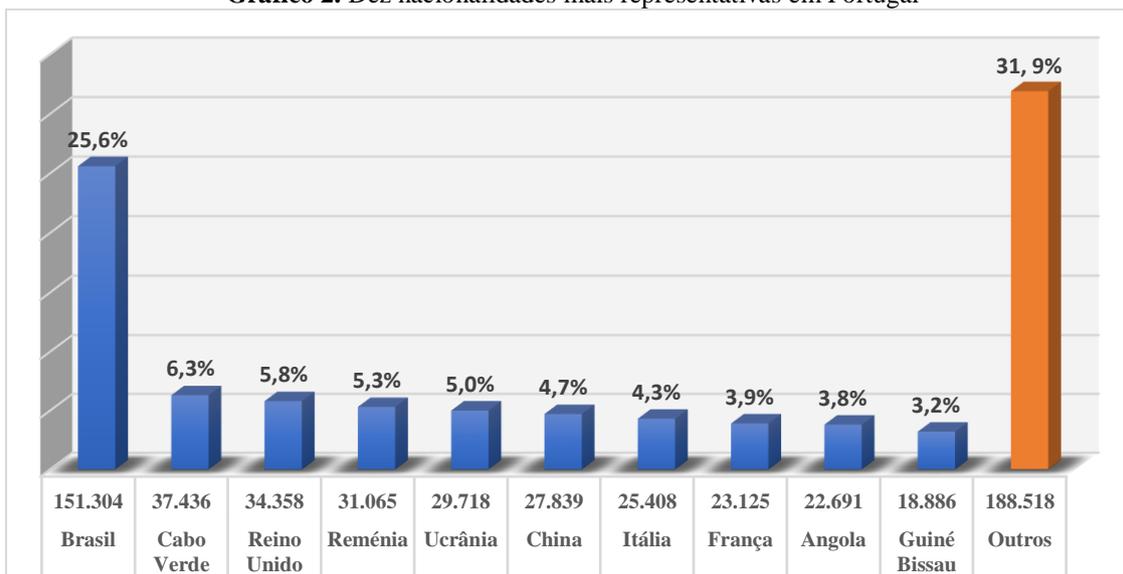


Fonte: <https://sefstat.sef.pt/forms/relatorios.aspx>, adaptado

Face aos fluxos migratórios designados por ‘Imigrantes do Leste’, e segundo o Relatório de estatística anual do SEF (2019), como se pode verificar no gráfico 2, a comunidade ucraniana ainda se mantém na lista das 10 nacionalidades mais representativas em Portugal ocupando o quinto lugar.

⁴ Este segundo lugar foi sendo ‘disputado’ entre esta comunidade e a comunidade cabo-verdiana.

⁵ Dados ainda não oficiais apontam para o facto de 2020 ter sido mais um ano com aumento da população estrangeira, não obstante a pandemia. Estima-se que em 2020 se tenham registado 661.600 imigrantes, mais 71.252 do que em 2019. *Diário de Notícias*. Disponível em: (<https://www.dn.pt/edicao-do-dia/04-mai-2021/661-mil-imigrantes-mais-71-mil-do-que-antes-da-pandemia-13680577.html>).

Gráfico 2. Dez nacionalidades mais representativas em Portugal

Fonte: SEF (2019, p. 17), adaptado

Embora tenha havido oscilações nos números da imigração, sobretudo com o decréscimo da população imigrante, devido à crise económica e financeira que afetou o país, Portugal não deixou de ser um país de acolhimento de estrangeiros (PEIXOTO; IORIO, 2010). Houve também outro fator que contribuiu para o decréscimo do registo da população não nativa nos Relatórios do SEF: a alteração do estatuto de ‘estrangeiro’ para o de ‘cidadão português’ por naturalização, em conformidade com a Lei Orgânica nº 2/2006, de 17 de abril⁶. Neste grupo estão igualmente incluídos os naturais da ex-URSS.

Um dos motivos apontados para fixação em Portugal, nessa primeira década do novo século, prendia-se com obtenção de trabalho e facilidade na legalização de permanência (MATIAS, 2004), a partir da entrada em vigor do novo regime das autorizações de permanência, estabelecido em 2001 pelo Decreto-Lei n.º 4/2001⁷. Mais tarde, este fluxo migratório ainda se intensifica pela necessidade de reagrupamento familiar e nascimento de crianças no território nacional (CASTRO; GÓIS; MARQUES, 2014).

Portugal tem sido escolhido por aqueles que demandam (alguma) estabilidade económica e melhor qualidade de vida, pois, a maioria dos imigrantes vem em busca de salários mais elevados e à procura de condições para uma vida mais confortável, dentro de uma Europa ‘mais desenvolvida’ (BAGANHA, 2007), com a possibilidade de circulação no espaço Schengen.

⁶ Novas alterações da Lei Orgânica. Disponível em <https://dre.pt/home/-/dre/148086464/details/maximized>. Acesso em: 22 abr. 2021.

⁷ Disponível em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/239249/details/maximized>. Acesso em: 22 abr. 2021.

Nestas circunstâncias, Portugal passou a acompanhar o aumento das pressões migratórias, através do Alto Comissariado para as Migrações (antigo ACIME, criado em 1996)⁸ e/ou Organizações Não Governamentais que promovem os planos para o acolhimento e a integração dos imigrantes na sociedade portuguesa.

Para esse efeito, a capacidade de expressão e compreensão na língua do país de acolhimento é assumida como um dos requisitos fundamentais no processo de integração de imigrantes, como também o conhecimento dos direitos básicos. Neste sentido, para viabilizar a permanência numerosa de imigrantes de Leste e Ásia Central em Portugal, torna-se essencial o desenvolvimento de medidas, a nível do ensino formal ou não formal, que facilitem um maior domínio da LP por parte da população imigrante (ANÇÃ, 2008a), tanto mais que esse domínio é condição *sine qua non* para obtenção da nacionalidade portuguesa.

2. A integração linguística e social

No que diz respeito à geolinguística dos cidadãos vindos da Europa de Leste e da Ásia Central, é de referir que, pelo contexto histórico e político, são falantes de LR.

Relativamente à distribuição geográfica deste público em Portugal, devemos salientar que a ‘Imigração do Leste’ se distingue da imigração tradicional (PEREIRA; REIS; SERRA; TOLDA, 2010), porque se estende por todo o território, não estando agrupada em comunidades ou em determinadas regiões (como a africana, por exemplo) (FONSECA, 2008).

Os fatores de integração deste público também não são idênticos aos dos imigrantes da África de língua oficial portuguesa e do Brasil. Entre esses fatores, os mais relevantes são as barreiras linguísticas e socioculturais que interferem numa inclusão bem-sucedida nos diferentes contextos e atividades educacionais, culturais, sociais e de lazer. As dificuldades de integração no ambiente linguístico e cultural desconhecido, a falta de domínio da LP, o desconhecimento dos valores fundamentais sobre a cultura da sociedade portuguesa, das peculiaridades da vida quotidiana e das normas de comunicação interpessoal com os grupos profissionais ou com os ensinantes são os principais problemas enfrentados por imigrantes vindos das culturas distintas

⁸ O Alto Comissariado para as Migrações como serviço de coordenação e de natureza interministerial que promove a integração da rede dos Centros: Centro Nacional de Apoio à Integração de Migrantes - CNAIM e Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes - CLAIM), que se constituem como unidades orgânicas de acolhimento e informação de cidadãos. Disponível em: <https://www.acm.gov.pt/inicio>.

para quem a LP se torna uma língua de acolhimento⁹ (ANÇÃ, 2008b; FERREIRA, 2012; PARDAL; FERREIRA; AFONSO, 2007).

A promoção da língua e da cultura portuguesas, para o imigrante de cultura e língua distintas, em Portugal, tem sido uma das prioridades de diversas instituições formais e não formais que visam a sua integração linguística e social, como referido no Plano Estratégico para as Migrações (2015-2020)¹⁰.

Desde modo, a Educação em Português desempenha um papel fulcral na promoção da comunicação e do entendimento intercultural, uma vez que o domínio da LP constitui uma importante ferramenta para o desempenho de várias tarefas que estão representadas nas políticas comunitárias nacionais: no acesso fácil ao mercado de trabalho qualificado, no reagrupamento familiar, na residência permanente, no estatuto de residente de longa duração e até na obtenção da nacionalidade, como já referido.

Em geral, a (não) integração linguística e social dos imigrantes passa por questões relacionadas com as representações sociais da comunidade portuguesa acerca da comunidade de Leste e da(s) língua(s) falada(s) por esta, bem como da comunidade de Leste em relação a LP, sua aprendizagem e integração (BAGANHA; MARQUES, 2001).

A chamada ‘Comunidade do Leste’, termo demasiadamente genérico porque abrange indiferenciadamente – porém, sem sentido pejorativo –, todos os imigrantes vindos do Leste da Europa e da Ásia, mas com algum tipo de ligação à antiga URSS, integra-se com bastante facilidade em território português, tentando aprender rapidamente a LP (BAGANHA; GÓIS; MARQUES, 2004), com grande empenho na sua aprendizagem para se integrar no mercado de trabalho e viver em sociedade (ANÇÃ, 2008b).

Baganha, Góis e Marques (2004) realizaram dois estudos, cronologicamente distintos, e no âmbito de dois projetos, com ucranianos, russos e moldavos: o primeiro estudo, no início da estadia destes em Portugal, o segundo, dois anos mais tarde, partindo da premissa que para uma integração na sociedade, importa desenvolver competências linguísticas, sociais e culturais. No que toca à competência em língua, o segundo estudo veio comprovar, efetivamente, que houve um grande investimento na LP, por parte desses imigrantes, o que lhes trouxe melhores condições laborais e de vida. Aqueles para quem fixar-se em Portugal era ainda uma grande indecisão no

⁹ A expressão ‘língua de acolhimento’ tradução de *langue d’accueil*, dos suíços Lüdi e Py (1986), é adaptada ao contexto português por Ançã, a partir de 2003.

¹⁰ Disponível em: <https://www.acm.gov.pt/pt/-/plano-estrategico-para-as-migracoes-pem->. Acesso em: 29 abr. 2021.

primeiro estudo, no segundo, já se encontrava uma maioria a considerar essa possibilidade, dado que a sua experiência migratória tinha sido muito positiva ou positiva em Portugal.

No mesmo contexto, embora mais no âmbito da Educação em Português, Ançã (2008b) apresenta-nos alguns resultados de um projeto de investigação¹¹, que a própria coordenou, e no qual foram analisadas as atitudes de cabo-verdianos, ucranianos e chineses face à LP. No que diz respeito à integração há dois aspetos assinalados que podem indiciar o grau de integração destas três comunidades na sociedade portuguesa: a) a fixação definitiva de residência em Portugal como objetivo; b) a importância da LP face a um conjunto de indicadores.

Sobre o desejo de fixar residência em Portugal, as respostas apontam diferenças significativas entre, por um lado, os ucranianos, com mais de metade dos inquiridos (57,3%) a afirmar pretender fixar residência, por outro, os cabo-verdianos e os chineses, respetivamente com 17,3% e 8%. Há ainda uma certa margem de inquiridos das três comunidades que opta pela resposta “depende”. O desejo dos cabo-verdianos é poder regressar ao seu país um dia; os chineses, uma comunidade muito recente na altura, apostam em Portugal se as condições económicas forem propícias; quanto aos ucranianos, mais de metade dos inquiridos apresenta efetivamente uma expectativa real de se fixar em Portugal, como já assinalado neste parágrafo.

No que toca ao segundo aspeto, ‘a importância da LP face aos seguintes indicadores: i) à fixação de residência; ii) ao exercício da atividade profissional; iii) à integração na sociedade portuguesa; iv) à amizade com os portugueses:

- os ucranianos posicionam-se em primeiro lugar nos quatro indicadores, considerando “muito importante”, respetivamente com 72,3%, 82,7%, 82,7% e 66,7%;
- os cabo-verdianos, nos 2º e 3º indicadores, assinalados como “muito importante” respetivamente 74,7%, 62,7%; com menos incidência, 48%, encontramos o indicador ‘a importância da LP para efeitos de fixação de residência’ (muito provavelmente por já terem um domínio fluente da LP), e o último indicador (‘importância da LP para fazer amizade com os portugueses’), com apenas 41,3%¹²;

¹¹ *Aproximações à Língua Portuguesa: atitudes e discursos de não nativos residentes em Portugal* – projeto aprovado e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia/FCT e pelo POCI 2010 e participado pelo fundo comunitário europeu FEDER.

¹² Os cabo-verdianos tendem a viver em grupos (residências, bairros...), saindo pouco da sua ‘bolha’, como apontam alguns dos cabo-verdianos deste estudo.

– no grupo de chineses, as percentagens não são muito elevadas nos três últimos indicadores (40%, 36%, 44%), contudo, na fixação de residência, este grupo entende que a LP desempenha um papel de relevo (60%), sobretudo para os que estão ligados ao comércio e restauração.

Estes estudos apontam, por conseguinte, para uma integração em curso, harmoniosa, com grande determinação dos cidadãos ‘do leste’ inquiridos, apostando seriamente na aprendizagem da LP e nas competências socioculturais necessárias para viver em Portugal.

3. Linguística popular e comentários ‘vulgares’

O termo de *Folk Linguistics* (FL) ou “Naive Linguistics” torna-se objeto de estudo em (socio)linguística, principalmente no século XX, nos Estados Unidos da América (EUA) e Europa Ocidental, com as suas versões, em inglês – *Folk Linguistics* (HOENIGSWALD, 1966; NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003; PRESTON; BAYLEY, 2005), em alemão – *Volklinguistik, Laienlinguistik ou Laien-Linguistic* (BREKLE, 1985, STEGU, 2008), em francês – *Linguistique Populaire* (PAVEAU, 2008). Tem por objeto as ideias espontâneas sobre a(s) língua(s), essencialmente em sujeitos não especialistas em linguística (GARRETT, 2010). Estas ideias *naïves* podem ser aproximadas das *représentations métalinguistiques ordinaires* (BEACCO, 2001; 2004), traduzidas em Português Europeu¹³ para *representações metalinguísticas ‘vulgares’* (ANÇÃ, 2009a), que provêm de saberes linguísticos ‘vulgares’. Num número da revista *Pratiques*, de 2008, Guy Achard-Bayle e Marie-Anne Paveau (2008) apresentam, de uma forma sistematizada, a “geografia da linguística popular” (p.6-8), nos domínios americano, alemão e francês. Gostaríamos, no entanto, de acrescentar as designações/perspetivas utilizadas no domínio russo, segundo Debrenne (2014): linguística *naïve*, com V. B. Kaškin, e linguística *ordinaire*, com M. D. Golov.

Aliás, os estudos nesta área remontam ao tempo soviético, ou mesmo antes, e citemos Baudouin de Courtenay, linguista russo-polaco, que viveu entre 1845-1929. Este autor diz-nos que para além do conhecimento científico sobre a língua, deve ser considerado o ‘conhecimento popular’ – *folk knowledge* “o saber popular sobre a língua que não é ficção e não é um engano subjetivo, mas a categoria (função) real e positiva

¹³ No Brasil, o interesse pelo campo da FL manifesta-se já em alguns estudos. Ver, para o efeito, Baronas e Cox (2019).

que pode ser definida pelas suas propriedades e ações, ser confirmada objetivamente, e comprovada com factos”¹⁴.

Voltando ao Ocidente e, de novo, aos EUA, o interesse pela FL foi marcado com Hoenigswald (1966), que apontava a importância do senso comum em qualquer área do conhecimento. Mas, somente, nos anos 2000, essa discussão ganharia força com os estudos de Niedzielski e Preston (2003, 1ª edição de 1999) e Preston (2008, original de 2005).

Ao analisarem os comentários ‘vulgares’, Preston (1999) e Niedzielski e Preston (2003) manifestam a sua compreensão sobre a importância do conhecimento vulgar/não erudito sobre as línguas e sobre o mundo, e de como essa percepção pode contribuir para o conhecimento científico. De acordo com esses autores, os comentários ‘vulgares’ diferenciam-se das teorias que surgem em linguística apenas por serem expressos com palavras simples (HOENIGSWALD, 1966; PRESTON, 1999).

Para Niedzielski e Preston (2003) e Preston (2002; 2008; 2018), a FL procura nos sujeitos não especialistas os seus saberes provenientes de várias áreas, as mesmas que servem para justificar a investigação em FL:

nomeadamente a etnolinguística (para a etnografia da comunidade linguística, é indispensável conhecer as crenças para aceder à cultura), a linguística (quem analisa as intuições dos sujeitos no quotidiano, necessariamente precisa da FL), a variação e mudança linguística (as indicações e as justificações dos sujeitos sobre a linguagem têm um interesse explicativo dos fenómenos) e finalmente a linguística aplicada (é imprescindível conhecer previamente as representações e expectativas dos nossos alunos), ou seja, a didáctica das línguas (DL), num conceito ‘mais europeu’ (ANÇÃ, 2009, p. 67).

Os autores Jaworski, Coupland e Galasiński (2004) falam-nos de uma ‘consciência metalinguística quotidiana’, que existe na prática, e para o facto de esta representar um conjunto de vínculos ligados, de um lado, à língua e consciência, de outro lado, à consciência quotidiana e à linguística como ciência, e, ainda, ao domínio mental, cuja vida social do indivíduo se associa à língua: a aprendizagem da língua, o discurso político-cultural, a utilização da língua em diversas áreas da sua atividade profissional. Deste modo, a problemática relacionada com questões metalinguísticas parece ser importante para a resolução das principais questões teóricas, não apenas em Linguística, como também em Didática de Línguas, acrescentemos. Desse modo, os saberes populares tornam-se fundamentais para o alargamento do conhecimento do professor de Português (ANÇÃ, 2009a).

¹⁴ Esta citação foi traduzida por nós da LR: «чутье языка народом, не субъективный обман, а категория (функция) действительная, положительная, которую можно определить по её свойствам и действиям, подтвердить объективно, доказать фактами» (BAUDOUIN DE COURTENAY, 1963, p. 50).

É referida a importância não apenas teórica como também prática dos saberes vulgares, dando uma atenção especial ao facto de que os comentários quotidianos sobre a perceção das línguas e do mundo podem enriquecer o conhecimento científico. Estes comentários ingénuos, por sua vez, coincidem com as teorias que surgem em linguística, diferenciando-se apenas destas últimas, por serem expressos com ‘palavras simples’ (HOENIGSWALD, 1966; PRESTON, 1999, 2002).

4. O estudo

Este trabalho é parte do estudo empírico de um projeto de doutoramento¹⁵, que teve como ponto de partida o levantamento das perceções e comentários ‘vulgares’ sobre as línguas (ANÇÃ, 2012), de russofalantes e portugueses não especialistas em Línguas, Linguística ou Didática de Línguas.

De acordo com os nossos objetivos investigativos, optámos por contactar um Centro de Apoio ao Imigrante, no Centro de Portugal, para seleccionar os sujeitos russofalantes para o estudo, em conformidade com os critérios definidos. Seleccionámos os sujeitos portugueses apenas pela sua não especialização nas áreas acima referidas. Com o objetivo de analisar o perfil sociolinguístico dos inquiridos, identificar e cruzar os comentários ‘vulgares’, elaborámos guiões de entrevistas semiestruturadas, que operacionalizámos, num espaço não formal, junto a dezesseis sujeitos, oito falantes de LR e oito portugueses.

Após a transcrição das entrevistas, procurámos analisar os comentários, e encontrar as suas manifestações discursivas na perspectiva da FL tendo em conta sujeitos não especialistas, acerca das duas línguas com culturas distintas, com maior enfoque nos russofalantes sobre a LP, sua aprendizagem e sua perceção da língua como instrumento da cultura; os falantes de português sobre a LR, em geral, e em particular, sobre o contacto dos russofalantes com a LP; sobre os aspetos que manifestam russofalantes e portugueses em relação a LP enquanto lugar de encontro intercultural. Pretendíamos, assim, como principal objetivo, cruzar estes comentários de não especialistas para fins didáticos, para entender como estes comentários podem contribuir para ampliar o conhecimento linguístico, social e cultural dos imigrantes russofalantes, e, também, promover a sua integração linguística e social no país de acolhimento (BAGANHA; MARQUES, 2001).

¹⁵ O projeto intitula-se “Educação em Português para falantes de língua russa: expressões idiomáticas entre línguas e culturas”, e foi aprovado e financiado pela FCT/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Portugal.

As entrevistas com oito russosfalantes foram realizadas em ano de 2012, em português (por escolha dos participantes) num Centro de Apoio ao Imigrante. As entrevistas com oito portugueses ocorreram no mesmo ano, em locais informais, de acordo com as suas preferências. Todos os dados recolhidos foram reunidos e organizados, revistos e codificados, e posteriormente tratados num programa de análise de dados qualitativos, Web/QDA, tendo-se procedido a uma análise de conteúdo (BARDIN, 2016).

A nossa análise centra-se na identificação pessoal e sociolinguística dos sujeitos, nas perceções sobre as línguas (portuguesa e russa) perceções (inter)culturais e as respetivas unidades registadas na Tabela 1.

Tabela 1. Perceções sobre as línguas e perceções (inter)culturais

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo
AS LÍNGUAS	a) A LP na perspetiva dos russosfalantes	Caraterização da LP <i>Objeto estético</i> <i>Objeto linguístico e de aprendizagem</i> <i>Objeto económico</i> <i>Objeto de curiosidade</i> Aprendizagem da LP <i>Ambiente de imersão</i> <i>Locais e tempo de aprendizagem</i> <i>As (não) dificuldades</i> <i>Língua de apoio</i> <i>Fontes didáticas</i> <i>Fins profissionais</i> <i>Perspetiva sociocultural</i>
	b) A LR na perspetiva dos portugueses	Conhecimentos sobre a LR <i>Objeto linguístico</i> <i>Relevância</i> <i>Objeto afetivo e de curiosidade</i> <i>Palavras em russo</i> <i>Identificação da língua</i> Comunidade de Leste <i>Recentes fluxos migratórios</i> <i>Caraterização dos imigrantes</i> <i>Língua falada</i> <i>Integração dos imigrantes</i> <i>Facilidade na aprendizagem</i> <i>Técnicas de comunicação</i> <i>Difusão da LP</i> <i>Novos falantes da LP</i>
PERCEÇÕES DE DIFERENÇAS CULTURAIS	Perceções dos russosfalantes	<i>Povo português</i> <i>Contacto com a comunidade portuguesa</i> <i>As diferenças culturais</i> <i>As tradições e hábitos</i> <i>Cumprimento com beijo no rosto</i> <i>Aspetos positivos</i> <i>Aspetos negativos</i> <i>Palavras associadas</i>
	Perceções dos portugueses	<i>Aspetos culturais</i> <i>Dimensão geográfica de Leste</i>

		<i>Palavras associadas</i> <i>Cumprimento com o aperto de mão</i> <i>Palavras associadas</i>
--	--	--

Na descrição da análise de dados no texto usámos as siglas RF1, e de RF2 até RF8 designando os sujeitos russosfalantes e as siglas PT1, e de PT2 até PT8 que designam os entrevistados portugueses.

4.1. Identificação dos sujeitos

a) sujeitos russosfalantes

Dos oito sujeitos russosfalantes entrevistados, três são do sexo masculino e cinco do sexo feminino, situam-se na faixa etária entre 28 e 45 anos e são das seguintes nacionalidades: bielorrussa, cazaque, georgiana, quirguiz, tajique, russa, ucraniana, uzbeque.

A maioria dos entrevistados possuiu diplomas de estudos pós-secundários. Observamos que três sujeitos têm o ensino secundário completo, dois sujeitos terminaram o ensino superior, cuja duração varia entre 3 e 5 anos, um sujeito não completou o ensino superior justificando a interrupção do seu estudo com a reunificação familiar em Portugal e um outro tem um curso de formação profissional. Para todos, Portugal é o primeiro país de imigração onde se encontram há mais de que 10 anos, quatro dos oito entrevistados chegaram a Portugal na condição de reunificação familiar. No que diz respeito à aquisição da nacionalidade portuguesa: três deles já a adquiriram, três têm o pedido em curso, e dois optaram por não pedir a nacionalidade portuguesa e conservar o estatuto de residente de longa duração.

Relativamente às profissões destes entrevistados exercidas nos seus países e às profissões que exercem em Portugal, observamos o seguinte: dois são engenheiros, um trabalha como oleiro, e o outro é bolseiro de investigação; um enfermeiro obstetra no seu país trabalha como operário cerâmico; um costureiro no seu país trabalha como esteticista; um estudante no seu país trabalha como cabeleireiro; um comerciante no país de origem trabalha como oleiro; um cozinheiro no seu país trabalha como operário cerâmico em Portugal.

Em relação à caracterização sociolinguística, três sujeitos falam em/com a família somente em russo, referindo a LR como materna, e a portuguesa como língua estrangeira (LE), e afirmam ter conhecimento básico/intermédio do inglês, que foi aprendido em contexto formal, no ensino secundário e superior. Quatro sujeitos autoidentificam-se como bilingues e referem que falam em/com sua família em russo,

na sua língua materna (quirguiz, tajique, uzbeque e georgiana) e em português por causa dos filhos que aprendem a LP nas escolas/infantários. Um outro, apesar de ser nascido na Ucrânia, por razões históricas, também é falante da LR e fala em/com a família maioritariamente em russo utilizando apenas algumas expressões em ucraniano (para não se esquecer da língua ucraniana); este autoidentifica-se como plurilingue, tendo o russo e o ucraniano como as línguas maternas, o português e o inglês como LE, sendo que o inglês foi aprendido também no ensino secundário e superior, e a LP foi aprendida em Portugal em contexto não formal/associativo.

b) sujeitos portugueses

Dos oito entrevistados portugueses, três são do sexo masculino e cinco do sexo feminino, situam-se na faixa etária entre 28 e 45 anos. Todos são de nacionalidade e naturalidade portuguesas, nunca estiveram na condição de emigrantes, um deles esteve apenas três meses em Inglaterra através do programa Erasmus e um outro permaneceu em França durante quatro meses por razões de trabalho. Estes sujeitos possuem as seguintes habilitações académicas: quatro terminaram o 12º ano¹⁶, dois têm o 12º ano e um Curso Profissional (Contabilidade, Informática e Gestão), dois outros têm uma Licenciatura (Ciência de Desporto e Gestão Comercial).

Quanto à caracterização sociolinguística, todos são nativos do Português Europeu, com conhecimento de outras LEs: quatro têm conhecimento de três línguas: espanhol, inglês e francês, três sujeitos conhecem duas línguas: inglês, francês, e um inquirido refere que conhece seis línguas, para além das já referidas, tem algum domínio do dinamarquês, russo e ucraniano.

4.2 As Línguas

Esta categoria, por ser aquela que constitui a simbiose dos comentários de não especialistas em Línguas, Linguística ou Didática de Línguas, encontra-se explicitada nas seguintes subcategorias: a) *A LP na perspetiva dos russosfalantes* e b) *a LR e russosfalantes na perspetiva dos portugueses*.

a) A LP na perspetiva dos russosfalantes

¹⁶ Ensino Secundário.

Esta categoria incide sobre as perspectivas de russosfalantes em relação à **caraterização da LP e a sua aprendizagem** em contexto de imersão, desdobrando-se nas seguintes unidades de registo:

Relativamente à **caraterização da LP**, os sujeitos percecionam-na como *objeto estético* quando referem que a LP: “é uma língua bonita” (RF1), “é uma língua balbuciante” (RF2).

Como *objeto linguístico e de aprendizagem*, RF1 considera que a LP “é fácil (...) é completamente diferente da LR e ucraniana em termos de escrita, de oralidade, “por isso nós temos que virar a nossa língua ao contrário para conseguir falar correto”¹⁷. O sujeito RF2 descreve a LP como heterogénea, sem uma aparente estrutura e com muitas exceções e com uma elevada sinonímia, o que dificulta a aprendizagem: “é muito difícil (...) tem muito exceções e não tem estrutura (...) eu acho que há muitos tipos de falado de língua portuguesa e há muitos sinónimos, uma palavra tem muitos significativos”, Para RF3 a LP é “difícil, emaranhada/confusa”. RF4 menciona que apesar de ter algumas semelhanças nas palavras “internacionais”, o português é “completamente diferente” [da LR], “mas há algumas construções de frases parecidas” (RF5). O sujeito RF7 destaca a exigência na aprendizagem da LP “é uma língua difícil de aprender, exige muita paciência e uma boa memória”.

Verificamos ainda que a LP é caracterizada como *objeto económico*, no sentido em que abre portas a espaços laborais. RF1 diz-nos: “Gostava de melhorar a comunicação em português para subir o nível no meu trabalho”. RF2 menciona que “Gostava de trabalhar como educadora, mas para isso, penso que preciso dominar melhor a língua” e RF4 “queria aprender mais para poder exercer a minha profissão”.

Outros entrevistados percecionam a LP como *objeto afetivo e de curiosidade*. RF1 destaca a sua nova identidade na nova língua: “Adoro português (...) faz-me como uma pessoa diferente e vivo parece que duas vidas diferentes, distintas. Quando falo em russo ou ucraniano vivo uma vida, quando falo português vivo com outra”; o sujeito RF2 menciona: “estou a estudar, normalmente hum com... por curiosidade”.

Em relação aos motivos de **aprendizagem da LP**, verificamos que a LP é aprendida em *ambiente de imersão*. Assim, o sujeito RF5 refere “comecei a aprender a língua portuguesa em Portugal, quando senti a necessidade de comunicação”, RF2

¹⁷ Sendo textuais, as transcrições das entrevistas respeitam exatamente o que o locutor disse. Por isso, foram conservados alguns desvios morfossintáticos (é o caso do uso de ‘correto’ equivalente ao advérbio de modo ‘corretamente’), entre outros.

menciona “senti necessidade e queria começar a falar mais rápido possível”, RF3 afirma: “vim cá com meu marido para continuar e comecei a aprender”.

Em relação aos *locais e ao tempo de aprendizagem*, verificamos, nos comentários dos sujeitos, que estes aprenderam a LP no ensino formal e não formal. RF3 menciona que fez apenas um curso intensivo de LP, com a duração de um mês, numa Universidade em Portugal; RF2 menciona vários locais de ensino não formal, onde iniciou a sua aprendizagem, tais como uma Associação de Apoio ao Imigrante, durante dois meses, um Centro Social, durante seis meses, e a Associação Industrial do Distrito Centro de Portugal, sem referir o tempo. RF5 ainda refere que aprendeu a LP como autodidata “No início aprendia com televisão, eu tentava ver novelas (...) aprender a língua de falar do primeiro nível através de telenovelas portuguesas”.

Verificamos também neste aspeto, *as (não) dificuldades* no domínio da LP. O sujeito RF5 diz que não apresenta dificuldades na aprendizagem da língua, enquanto os outros sujeitos mencionam algumas dificuldades e destacamos algumas:

a nível gráfico-fonético – para além da redução vocálica na LR face à LP, o que dificulta a aprendizagem da escrita e da leitura em LP, também não há equivalência entre a grafia de algumas vogais nos dois sistemas linguísticos; tomemos o caso da vogal ‘o’ em LR e a sua correspondência fónica na mesma língua [por ex, Moskva/Moscovo pronuncia-se *Maskva* e não *Moskva*], “acho que para as pessoas russos a pronúncia que está levada as letras «o» pronunciar «u» que em língua russa «o» leva a pronunciar letra «a»” (RF2). Outra dificuldade apresentada por outro russofalante, no que toca (ainda) à não correspondência direta entre o som [s] e as suas várias grafias em LP e cujas regras não são claras para o seguinte falante: “para os russos aplicar aquelas palavras que começam em –s- e –c-, porque não há regra sobre este escrito, há regra de leitura, mas não há regra de escrito quando –c- quando –s- é mesma coisa com as sílabas que tem –ssão- ou –ção- há algumas regras, mas estas regras não estão bem estabelecidas” (RF7);

a nível morfológico-lexical – para um dos locutores a polissemia das palavras em LP constitui um obstáculo: “e quando nós [em LR] terminamos a palavra de letra «a» ou outra letra qualquer a mesma palavra tem mesmos raízes não significa que a palavra tem outro significado” e “cá encontra-se muitos falados quando se encontra última letra «a» já tem outro significado, isto é difícil” (RF4);

a nível morfológico – as dificuldades morfológicas apontadas incidem sobre as flexões: verbal, “a declinação é diferente”¹⁸ (RF3); nominal, o emprego dos dois géneros das palavras em LP: “o género porque temos [em LR] três géneros” (RF4); a seleção do artigo quando em LR não existe artigo e, sobretudo, a contração de preposições com artigos¹⁹. Para além disso, seria importante a existência de ‘uma técnica’, ou guia, com as regularidades na LP e o seu emprego: “(...) há pessoas que tem que aprender a língua tem que aprender com alguma técnica e esta técnica, eu acho, que não existe. É muito difícil de aprender” (RF6);

a nível lexical – não deixa de haver dificuldade para estes sujeitos, embora estes não se manifestem, apenas afirmam que procuram a solução através da tradução das palavras utilizando as fontes didáticas ou a própria comunicação com as pessoas nativas. RF1 refere que os nativos ajudam a entender as palavras desconhecidas “considero explicação oral de um português”; RF5 menciona “quando não conheço palavras, consulto os dicionários ou internet”.

a nível sintático – a ordem (gramatical ou sintática) das palavras em LR é mais flexível²⁰, “a construção das frases que são bastante diferentes de construção das frases em russo” (RF8).

Na aprendizagem da LP, verificamos o uso de uma *língua de apoio*. RF2 refere o inglês como língua em que se apoiou na sua aprendizagem: “No início foi inglês, como a língua média²¹, porque eu não sabia nenhuma palavra portuguesa, (...) mas foi muito confuso, muito confuso através do inglês perceber a língua portuguesa”; RF1 menciona que não se apoiou em outra língua e que aprendeu “o português em português”.

Os sujeitos RF3 e RF4 mencionam algumas *fontes didáticas* utilizadas na sua aprendizagem: os dicionários em papel, pesquisa na Internet e dicionários *online*. Ainda RF8 refere que recorreu à explicação de nativos portugueses: “A outra fonte considero explicação oral de um português ou dos colegas”.

Em relação à autoavaliação do nível da sua proficiência em português, verificamos que os sujeitos atribuem importância à aprendizagem da LP para *fins*

¹⁸ Neste comentário observamos que a resposta foi influenciada pela LR, uma vez que não existem declinações em LP; possivelmente o sujeito pensou em “conjugação” ou em “flexão verbal”, mas disse “declinação”. Este facto é explicável, dado estarmos perante sujeitos não especialistas que não têm um domínio da metalinguagem gramatical.

¹⁹ “É difícil também aplicar artigos, para palavras que tem que contar desde criação de frase e o artigo tem que ser diferente, ou aquela quando os artigos juntam-se com preposição também altera tudo (...)” (RF6).

²⁰ A tipologia básica (ou principal) da LR é considerada SVO, mas é permitido o uso das outras tipologias: VOS, VSO, OVS, OSV.

²¹ Língua intermediária, língua ponte.

professionais referindo que o conhecimento a nível básico não é suficiente para exercerem atividades profissionais, de acordo com a sua formação profissional.

Verificamos ainda que o domínio em LP dos sujeitos entrevistados apenas é suficiente na *perspetiva sociocultural*, como mostra RF1 ao referir que “sem saber a língua não consegue comunicar os portugueses, nem entender a cultura nem explicar a sua “cultura materna”; RF2 refere ainda que “a língua em geral é para se integrar na sociedade portuguesa” e RF4 menciona que “é essencial para se movimentar em Portugal, ou seja, qual for o trabalho deles para comunicar com os portugueses e com as outras pessoas”. Constatamos, dessa forma, que para estes entrevistados, o seu nível de proficiência em LP corresponde somente às suas necessidades de comunicação (básicas) e ligadas às tarefas laborais exercidas.

Sintetizemos as características da LP e da sua aprendizagem, segundo estes entrevistados: a LP é definida sempre face à LR, por omissão de elementos (dois géneros, sem estrutura interna) ou por adição (número de vogais/sons vocálicos, flexões verbais e nominais, artigos, sinonímia, polissemia); a sua aprendizagem é, por conseguinte, complexa, morosa e exigente, tendo em conta a ausência de “técnicas” que explicitem as inúmeras exceções e colmatem a omissão de regras em LP.

b) A Língua Russa e russofalantes na perspetiva dos portugueses

Nesta categoria analisámos os comentários dos portugueses não especialistas acerca **da LR** e seus **conhecimentos sobre a LR**, sobre a **comunidade de Leste** e o seu contacto com a LP, sua aprendizagem e integração sociocultural.

Relativamente à **LR/conhecimentos sobre a LR**, observamos que a LR é destacada como *objeto linguístico*. O sujeito PT1 refere: “Concretamente não sei muito. Sei que é uma língua. Pronto. Oficial. Agora, não sei de onde é que vem, qual é a origem”. PT3 menciona que “Sei que está escrita num alfabeto diferente, o cirílico e não sei mais nada”. Para PT4 a LR é: “apelativa, chama a atenção, muita gente considera-a uma língua agressiva, como o alemão por exemplo, uma língua forte”; PT5 descreve a LR como: “Esquisita, estranha, parece bizarra mais de que estranha bizarra, engraçada (...) não acho que seja diferente do português, as ordens das palavras são todas misturadas, (...) o som das vogais e consoantes não é diferente, não tem [os] sons chineses ou japonês (...). O russo, o som sonoramente não parece ser diferente do português”. O sujeito PT6 descreve-a como “Forte, sonora, a língua é agressiva, de

facto, (...) parece que tem palavras curtas quando nós [portugueses] temos mais compridas” e PT8 caracteriza como “incompreensível, melódica, bonita”.

Os sujeitos atribuem *relevância* à LR. PT3 refere que “esta língua tem um impacte a nível mundial”; PT2 menciona vários aspetos relevantes: “porque engloba muitos países e porque a área geográfica é muito grande e envolve muita gente; porque possibilite e abre a porta para comunicar com muita gente por ser uma área geográfica muito grande mesmo em termos comerciais, de negócio e de organização; polivalente, (...) é uma língua com muito potencial”. O sujeito PT5 refere que “através do conhecimento do idioma russo, as pessoas podem ter acesso a um mundo novo” e PT1 menciona que “é sempre importante aprender. A Rússia é um grande país tem muitas oportunidades”.

A LR é caracterizada como *objeto de curiosidade*: vários sujeitos demonstram a curiosidade em conhecê-la. PT3 justifica essa curiosidade, afirmando que “é uma língua apelativa, chama a atenção; em termos de conhecimento se calhar há outras línguas, mas dava a preferência à russa”; para PT2, a língua que gostaria de conhecer “seria o russo, porque maior o que engloba, se calhar, mais gente e mais central”,

Ao questionar os sujeitos se conhecem/sabem algumas *palavras em russo*, PT1 menciona a palavra “niet” que significa “não” em português e explica que ouviu esta palavra muitas vezes nos filmes americanos sobre russos. PT2 designa várias palavras que conhece “babuska, kalinka malinka e matrieshka (um boneco russo)”.

Relativamente à questão de *identificação da língua* falada pelos imigrantes (apresentando-lhes como opções as línguas: russa, ucraniana, bielorrussa, checa, ou ainda cazaque, quirguiz), apenas um sujeito referiu que consegue identificar talvez a língua romena, os outros sujeitos referem que entre as línguas mencionadas, não conseguem identificar a língua falada, apenas a distinguem do inglês, alemão ou holandês.

Em relação aos conhecimentos sobre a **comunidade de Leste**, verificamos que os sujeitos portugueses a consideram como um dos *recentes fluxos imigratórios*. Assim, PT2 refere que tem conhecimento da chegada recente de imigrantes de “Descendência dos países PALOP dos portugueses, das ex-colónias e os russos da descendência Soviética”; PT3 menciona os imigrantes “das ex-colónias portuguesas, talvez brasileiros, Moçambique, Angola, Cabo Verde e se calhar recentemente dos países de Leste”.

Para todos os sujeitos, os Países de Leste são: Rússia, Ucrânia, Moldávia, Quirguistão, Uzbequistão, Cazaquistão Ucrânia, Azerbaijão, Croácia, Servia. Quanto à

caraterização dos imigrantes de Leste, PT2 caracteriza esse imigrante como: “Trabalhador, retraído, sociável, em certas situações um pouco frio”. PT3 descreve como “talvez amigos dos amigos, aventureiros porque vêm de um país para outro sem saber falar a língua, nem nada é aventurar-se” e para PT4, são portadores de “Cordialidade, simpatia, educação, trabalhadores”.

Verificamos que a *língua falada* [russa] é um aspeto destacado no contacto com os imigrantes e referida por vários sujeitos: para PT2, “pode chamar a atenção se estiver a falar a língua deles; para PT3: “a língua com o sotaque”, PT1 designa que “Tudo chama a atenção, despertam a curiosidade por vários fatores, mas penso que é mais pela língua falada. Porque é diferente não tem nada a ver com a sonoridade da língua latina”.

Em relação a *integração dos imigrantes* russos falantes na comunidade portuguesa, PT2 refere que “maior parte dos imigrantes de Leste, acho-os um bocado recatados dentro da sociedade não são muito para lidar com as outras culturas”; PT1 menciona que “estão mais ou menos integrados (...). A questão mais ou menos (...) porque estas pessoas, parecem-me com a capacidade boa de entrosamento e de luta, se tentarem adaptar, mas também acho que há um bocado de preconceito das histórias, de guerra fria e do fantasma do comunismo ou dos russos delinquentes que tem gangues armados, (...) que têm bombas milagrosas para matar uma humanidade, não sei, mas apesar de tudo (...) a sensação que eu tenho que a integração das pessoas de Leste é capaz de ser melhor e mais consistente”. PT7 refere que “a maioria não está integrada de uma forma socialmente aceite, mas outros fazem parte da nossa sociedade ativa”.

Verificamos que os portugueses do nosso estudo consideram que os imigrantes de Leste têm *facilidade na aprendizagem* da LP. PT3 refere que “para mim, talvez [sejam] as pessoas que aprendem mais rápido²² a falar. Não dominam a língua por completamente, mas dá para ter diálogos”. PT4 refere que “a maioria aprende bem português (...) as pessoas são empenhadas e têm compreensão que é importante saber a língua para conseguirem trabalhar em Portugal ou para estarem cá”, PT2 explica que “aprendem rápido, talvez porque os sons sejam semelhantes não tem que aprender as novas formas de articular o português. (...) porque têm uma grande tradição de estudo, (...) e do investimento na aprendizagem e isso faz com que as pessoas dediquem a aprender e levam a tarefa até o fim. (...) o português é uma língua complexa, mas o

²² Curiosamente, também os portugueses utilizam um adjetivo (ex: rápido) como sendo advérbio de modo (rapidamente).

russo será uma língua mais complexa. (...) acho que é mais simples passar de uma língua simples para uma língua complexa”.

Observamos também algumas *técnicas de comunicação* que os portugueses utilizam com os russofalantes. PT6 refere que procura usar a língua internacional (inglês) para comunicar com imigrantes, e PT7 refere que comunica naturalmente. Os sujeitos PT4, PT3 e PT5 mencionam a técnica gestual e têm a preocupação de falar pausadamente, caso os interlocutores estrangeiros não dominem a LP. O entrevistado PT2 refere “quando a pessoa tem dificuldade em falar e entender, usa-se o que for necessário, até pode ser um desenho, o que é importante é comunicar para que o outro lado entenda”.

Por fim, verificamos que os sujeitos portugueses consideram um aspeto positivo na aprendizagem da LP pelos imigrantes russofalantes, porque desta forma estes contribuem para a *difusão da LP*. Para PT1 “Apesar de uma língua que já tem uma percentagem de falantes mundiais, se houver outras culturas que sabem falar, é muito bom para o português”, PT2 refere que “é sempre positivo porque espalha a nossa língua além de fronteiras”, P37 refere “é bom para a nossa língua ter outros membros internacionais e novos povos interessados em aprendê-la. É uma boa forma de divulgação e promoção da língua e do país”.

Relativamente aos *novos falantes da LP*, ou seja, à aceitação da LP falada pelos russofalantes, o sujeito PT5 refere “Eu gosto e percebe-se muito bem, não me importo que a pessoa fala mal, mas percebe-se na mesma, não me importo”. PT3 menciona “É giro²³, gosto e até por vezes penso tomara eu falar a língua deles como eles falam a minha”, PT4 menciona “Gosto de ouvir, mesmo falando mal, acho que é gratificante porque eles estão a fazer um esforço enorme para poderem exprimir. Não eu que estou a esforçar, eu estou no meu país, ele que é está a esforçar-se, acho que é bom que nós ouvimos isso.”. PT2 afirma “Gosto, engraçado, acho giro com o sotaque”.

Num curto comentário, tentando sistematizar as características linguísticas atribuídas à LR, pelos entrevistados portugueses, verificamos que há uma diminuta referência a aspetos linguísticos, uma vez que só um dos sujeitos conhece um pouco dessa língua. Observamos também a mesma direção da perspetiva verificada no grupo anterior: da LM para a LE, ou seja, neste caso, o foco é do português para a LR, e a LR define-se em relação à LP: não é muito diferente do português, alguns sons (vocálicos e consonânticos)

²³ ‘Giro’ em Português Europeu significa ‘engraçado’, ‘bom’, qualquer coisa agradável ou positiva. Talvez se aproxime nalguns contextos de ‘legal’, ou de ‘bacana’ no Português do Brasil.

aproximam-se, mas tem palavras curtas e a ordem das palavras parece não respeitar o tipo de estrutura habitual. Sendo o russo uma língua de tipologia SVO, admite ainda outras possibilidades (como referido na nota 21).

Esta atenção sintática à estrutura das línguas, em ambos os grupos, alerta-nos para a importância de trabalhar didaticamente este aspeto contrastado nas línguas em presença, no caso concreto de aprendentes russofalantes tendo a LP como língua-alvo.

4.3 Perceção de diferenças culturais

Nesta categoria, importa considerar a perceção dos entrevistados relativamente às características culturais dos russofalantes e portugueses.

a) Perceções dos russofalantes

Relativamente à **perceção dos russofalantes** sobre a caracterização do *povo português*, sobre a cultura portuguesa não erudita (em geral) e sobre o país, observamos que os sujeitos russofalantes caracterizam o povo português como: simpático, acolhedor, amigo, aberto e pronto para ajudar, educado, humilde. Também referem que estão em constante *contacto com a comunidade portuguesa*, não apenas nas relações profissionais, como também nas relações pessoais.

No que toca aos aspetos culturais, observamos *as diferenças culturais* referidas pelos sujeitos: para RF1 “a língua é diferente, a cultura é muito diferente, a comida e o tempo, tudo é diferente”, para RF5, Portugal “tem muita história e a cultura é diferente da nossa. Nós também temos a história muito antiga e a cultura, mas as histórias são diferentes e as culturas também”. O sujeito RF6 descreve “Pensava que Portugal é um país como a minha terra, o país muito lindo e grande. Quando chego a Portugal, vejo que é um país lindo, mas as ruas são pequenas, as casas são pequenas ... é isso”. O sujeito RF3 menciona que “a história em Portugal é muito rica, a história em si é aquela como se o povo, talvez, sem querer conseguiu preservar, os hábitos antigos, receitas e cultura antiga, que é muito interessante para mim!”.

Quanto às *tradições e hábitos*, observamos que RF7 menciona “adoro a música portuguesa, não gosto de dança portuguesa, mas as canções sobre vida, agradam-me muito”, RF1 refere apenas “que gosta de comer bacalhau”, RF2 menciona vários hábitos entre eles “gosto muito de ouvir o fado, e é uma tradição que eu gosto, que acho muito

bem fazer as festas de medievais, e eu gosto muito de dia de castanhas²⁴, gosto muito este dia como celebram cá”. O sujeito RF6 ainda refere “Gosto de tradições portuguesas, festas religiosas, festas de aldeia quando andam com um tambor pelas ruas, o Carnaval e as canções portuguesas”.

No que concerne ao hábito (costume) português *cumprimento com beijo no rosto*, obtivemos opiniões sobretudo negativas sobre esse hábito. RF4 refere que “inicialmente foi chocante, depois habituei-me, temos que respeitar as tradições cá”; RF2 menciona que “Para mim, está bem. Por vezes canso-me quando há um grupo de pessoas e precisa beijar os todos. O meu marido recusa mesmo, não gosta desta intimidade”. Outros sujeitos (RF3, RF6, RF8) referem que, por desgostar desse gesto, tentam evitá-lo.

Ao caracterizar Portugal, em relação às perceções dos russos quanto aos *aspectos positivos* verificamos que estes descrevem o país como sendo muito bonito, verde, com a história e arquitetura preservada; quanto aos *aspectos negativos*, os sujeitos referem a política e o governo; e quanto às *palavras associadas* a Portugal, RF1 menciona a palavra “Obrigada” por ser a primeira que foi aprendida. RF2 refere a palavra “Olá”, RF3, RF6 e RF8 referem a palavra “futebol” por ser um jogo assistido por todo o povo português.

b) Perceções dos portugueses

Relativamente à **perceção dos portugueses** sobre os *aspectos culturais* e hábitos dos russos, observamos que o sujeito PT1 manifesta desconhecimento da(s) cultura(s) no Leste e justifica “Os portugueses não têm muitos conhecimentos da cultura Soviética e dos países de Leste. Não vejo isso”. Enquanto outro sujeito, devido à sua profissão, manifesta um conhecimento aprofundado especificamente sobre a cultura erudita: “Da cultura de Leste, sei por causa do lado do teatro e do balé que é muito rigoroso e muito relacionado com as artes e música também porque conheço alguns imigrantes de Leste que são músicos radicados na orquestra. Orquestra do Norte, porque estive no teatro em Guimarães e aquilo que sai, um bocadinho, tem a ver com essa educação de rigor, de um sistema de estudo intensivo, de um gosto pelo estudo de um gosto pelas artes e inculcar as artes nas pessoas” (PT2).

²⁴ Dia de São Martinho, 11 de novembro.

No que concerne à *dimensão geográfica de Leste*, os sujeitos conseguem nomear o maior país (Rússia) e os outros países integrados (Bielorrússia, Ucrânia), os países da Ásia Central (Cazaquistão, Azerbaijão), e sabem situá-los.

Relativamente à questão sobre o hábito (costume) de Leste *cumprimento com o aperto de mão* em vez de beijo no rosto, PT4 refere que conhece este hábito e explica que “isso [o cumprimento de beijo no rosto] tem a ver com o espírito mediterrânico, a cultura é assim, inclusive em certos países de descendência árabe. Cumprimentar com o aperto de mão para mim é perfeitamente normal”. PT2 refere que “não me importo, não me importaria. Pois, tenho visão de outra cultura, mas mesmo com uma pessoa de fora eu acho que entendia perfeitamente que eles não têm os mesmos costumes do que nós, chegar a ter uma relação diferente da nossa. Não iria estranhar”. O sujeito PT1 menciona que “Não estava à espera de outro cumprimento da parte do imigrante. Cada vez mais acho que o beijo está a cair em desuso e apenas se usa para cumprimentos de bons amigos”.

Quanto à questão das *palavras associadas* à imigração de Leste, os inquiridos portugueses nomeiam as seguintes palavras: Rússia, Moscovo, Praça Vermelha, Kremlin, frio, neve e Perestroika. Assim, o sujeito PT4 refere “a Rússia, talvez por ser mais conhecida da União das Repúblicas anteriormente por causa do regime que tinha, por riqueza que tem e por variadíssimos fatores”. PT8 refere “Rússia, sempre, porque estamos a olhar para um país que marcou muito a Europa durante muitos anos, e vem-me sempre a ideia Moscovo, a Praça Vermelha”. O sujeito PT4 menciona três palavras “vodka, Perestroika, Kremlin” associando estas palavras com a Rússia, PT5 também associa as palavras com a Rússia nomeando “neve, frio, porque sempre me habituei ver a Rússia cheio de frio”. PT1 menciona a palavra “comunismo” e justifica que “Apesar de não ser o regime atual da Rússia ainda é muito recente historicamente os anos em que foi governada por essa ideologia”. PT2 refere a palavra “teatro” e justifica que “Por causa de *Stanislavskiy*, que é o teatro de Moscovo e também um sistema de *Stanislavskiy* que foi (...) estudado cá e nos EUA”. PT3 menciona a palavra “Moscovo” por ser a capital da Rússia.

5. Discussão dos resultados

As estatísticas apontam que as nacionalidades vindas da Europa do Leste e Ásia Central, neste momento, representam cerca de 8,7% da população estrangeira residente em Portugal (SEF, 2019). Este fluxo migratório, nos últimos anos, em termos de

números teve algumas quebras, no entanto, intensificou-se pela necessidade de reagrupamento familiar e nascimento de crianças no território nacional (BAGANHA; GÓIS; MARQUES, 2010) e vinda de estrangeiros qualificados (SEF, 2019).

No caso analisado, constatou-se que as respostas dos participantes confirmam a sua vinda em contexto de reagrupamento familiar, com alteração do seu estatuto de imigrante para a nacionalidade portuguesa por naturalização, em conformidade com a Lei Orgânica n.º 2/2006, de 17 de abril. Apesar de as estatísticas apresentarem decréscimos da população estrangeira que reside em Portugal, nos últimos anos, constata-se que os estrangeiros, nomeadamente da Europa de Leste, permanecem em número representativo no território português, mas necessitam ainda de maior integração do ponto de vista sociolinguístico e cultural. Para esse efeito é muito importante o aperfeiçoamento das capacidades de expressão e compreensão em LP.

A diversidade de perfis profissionais dos imigrantes russofalantes nos seus países de origem reduz-se ao se considerar a profissão que exercem em Portugal, devido não só às suas (não muito alargadas) competências linguísticas, mas também ao reconhecimento de habilitações profissionais, cujo processo é moroso. No entanto, poder-se-á considerar que se trata de um público com algum conhecimento de português, adquirido predominantemente por imersão, que ainda necessita de desenvolver competências em língua, uma vez que apresenta dificuldades devido ao desconhecimento inicial que trazia da LP, antes da chegada a Portugal (ANÇÃ, 2008a; FERREIRA, 2012). Neste contexto de imersão, a interação de russofalantes com os falantes nativos de português pode ser considerada, por um lado, como uma forma de aprendizagem da LP, por outro lado, revela que este público contacta com a sociedade portuguesa (ANÇÃ, 2008a).

Apesar da prolongada estadia dos russofalantes em Portugal, este novo público ainda se autorrepresenta como culturalmente diferente, apontando para a necessidade de aprofundar o seu conhecimento linguístico da LP para sua melhor integração profissional na sociedade portuguesa. Há quase um consenso por parte da sociedade portuguesa acerca da elevada preparação profissional e intelectual dos russofalantes, reconhecendo-lhes superioridade no âmbito de competências de aprendizagem em LP, face a outras comunidades. No que respeita à atribuição de diferenças culturais, os imigrantes do leste europeu são avaliados pelos portugueses como cultural e socialmente diferentes, mas aceites pela população em geral (ANÇÃ, 2008b).

Tendo em consideração as ideias espontâneas sobre a língua, presentes na consciência de não especialistas, e presentes nos seus comentários ‘vulgares’, em que as diferenças (socio)linguísticas se acentuam com as diferenças culturais, os comentários dos sujeitos entrevistados representam, de acordo com Garrett (2010), um conjunto de vínculos, ligados, por um lado, à consciência quotidiana que o sujeito associa com a sua vida social e profissional e, por outro lado, à aprendizagem da língua de acolhimento.

As autodificuldades linguísticas expressas por este público inscrevem-se em discursos ‘vulgares’, como vimos anteriormente, e apontam para aspetos a ter em conta no ensino da LP (por ex., a consciencialização da estrutura da língua e a chamada de atenção para o tipo SVO, de que faz parte o português e o russo, embora a LR permita uma maior maleabilidade dos elementos da frase).

Reflexão final

Ao analisar as perceções cruzadas e recíprocas entre russos falantes e portugueses, constatamos que os comentários ‘vulgares’, num contexto informal e (socio)culturalmente empático, podem constituir uma vantagem para a integração desses imigrantes. Entendemos, após a análise das perceções cruzadas, que é necessário implementar estratégias didáticas adequadas que possam contribuir para a ampliação do conhecimento (inter)linguístico e (inter)cultural dos russos falantes.

Para que se viabilize esta proposta (socio)didática, tendo em consideração a realidade da aprendizagem da LP, em contexto de língua de acolhimento, deve-se prestar uma atenção especial à cultura e à perceção do mundo dos nativos portugueses, no sentido etnográfico mais amplo de comportamento e mentalidade em Portugal. Dessa forma, torna-se possível a integração pretendida e a própria aprendizagem em LP, uma vez que o conhecimento da língua-alvo contribui para uma comunicação intercultural bem-sucedida.

Importa conhecer os saberes linguísticos *folk*, dialogar com os leigos em linguística e considerar os seus comentários nas atividades didáticas, e na Educação em Português, não delimitando ‘o científico e o popular’. Para além disso, interessa potenciar esses comentários vulgares que “não são necessariamente crenças falsas, equivocadas a serem eliminadas da ciência”, mas, pelo contrário, representam “saberes percetivos, subjetivos e incompletos a serem integrados aos dados científicos da linguística” (PAVEAU, 2018, p. 8).

Referências

- ACHARD-BAYLE G., PAVEAU, M.-A. «Linguistique populaire?», *Pratiques*, 139/140, 2008.
- ANÇÃ, M. H. Apropriação da Língua Portuguesa: O exemplo de um público ucraniano adulto e jovem adulto. In: OSÓRIO P.; Mayer R. M. (eds.) *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira. Da(s) teoria(s) à(s) prática(s)*, p. 115–132. Aveiro: LIDEL, 2008a.
- ANÇÃ, M. H. Língua portuguesa em novos públicos. *Saber (e) Educar*, n. 13, p. 71–87, 2008b.
- ANÇÃ, M. H. Discursos sobre as Línguas - O Papel dos “saberes vulgares” na educação em português. In: MATEUS, M.H. *Metodologias e materiais para o ensino do Português como Língua Não Materna*. Lisboa: Instituto de Línguística Teórica e Computacional, Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
- ANÇÃ, M. H. Percepções de angolanos sobre a língua portuguesa: um contributo para a Didática do Português Língua Segunda. *Ubiletras 02*, p. 5–30, 2011. Disponível em: <http://ubiletras.ubi.pt/wp-content/uploads/2012/ubiletras02.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- ANÇÃ, M. H. Contributos dos “saberes vulgares” para Educação em Português. In: IPPUC - SP INSTITUTO DE PESQUISAS LINGUÍSTICAS “SEDES SAPIENTIAE” PARA ESTUDOS PORTUGUESES. São Paulo, 2012. Anais de Congresso. São Paulo, 2012. Disponível em: www.ippucsp.org.br/anais_mp.html. Acesso em: 1 maio, 2021.
- ARROTEIA, J. C. Migrações internacionais: Portugal como destino. In: ANÇÃ, M. H.; FERREIRA, T. *Língua Portuguesa e Integração*, (s/pp.). Aveiro: LEIP/CIDTFF/ Universidade de Aveiro, versão em CD-ROM, 2007.
- BAGANHA, M. Dinâmicas Migratórias em Portugal. In: COLÓQUIO GLOBALIZAÇÃO, POBREZA E MIGRAÇÕES, 9 de março, 2007. Coimbra: Faculdade de Economia. Universidade de Coimbra, 2007.
- BAGANHA, M. I.; GÓIS, P.; MARQUES, J. C. *Imigração Ucraniana em Portugal e no Sul da Europa*. Observatório da Imigração, Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2010.
- BAGANHA, M. I.; GÓIS, P.; MARQUES, J. C. Novas migrações novos desafios: a imigração do Leste Europeu. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 69, p. 95-115, 2004.
- BAGANHA, M. J.; MARQUES, J. C. *Imigração e Política. O caso português*. Lisboa: Fundação Luso-Americana, 2001.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, Lda/Almedina Brasil, 2016.
- BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. (Orgs.). Linguística popular/folk linguistics e linguística científica: Em vez do versus, propomos a integração. *Fórum Linguístico*, 16, n. 4, jul-set. 2019.
- BAUDOUIN DE COURTENAY, J. *Избранные труды по общему языкознанию* [Obras selecionadas sobre a linguística geral]. Moscovo: AN URSS, 1963.
- BAUDOUIN DE COURTENAY, J. *Введение в языкознание* [Introdução à linguística], 6ª Edição, Moscovo: Editorial URSS, 2004.

- BEACCO, J.-C. Les savoirs linguistiques ordinaire en didactique des langues. *Langue Française*, n.131, p. 89–105, 2001.
- BEACCO, J.-C. Trois perspectives linguistiques sur la notion de genre discursif. *Langages*, n. 153, p. 109–219, 2004.
- BREKLE, H. E. *Einführung in die Geschichte der Sprachwissenschaft*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1985.
- CASTRO, J. M.; GÓIS, P.; MARQUES, J. C. *Impacto das políticas de reagrupamento familiar em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para as Migrações, 2014.
- DEBRENNE, M. La conscience métalinguistique ordinaire et la linguistique naïve dans les travaux russes contemporains. *Le discours et la langue*. 6.1, p. 19-30, 2014.
- FERREIRA, T. *Apropriação do Português por adultos eslavófonos: o Tempo e o Aspeto*. Tese (Doutoramento em Didática), Universidade de Aveiro, Aveiro, 2012. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/10494/1/tese.pdf>.
- FONSECA, M. L. Imigração, diversidade e novas paisagens étnicas e culturais. *Portugal: Percursos de Interculturalidade*. V. 2, Contextos e Dinâmicas, p. 50–96. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008.
- GARRETT, P. *Attitudes to Language*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2010.
- HOENIGSWALD, H. A proposal for the study of folk-linguistics. In BRIGHT W. (Ed.), *Sociolinguistics*, p. 16–26. The Hague: Mouton, 1966.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, CENSOS. 2012. Disponível em: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1. Acesso em: 29 abr. 2021.
- JAWORSKI, A.; COUPLAND, N.; GALASIŃSKI, D. *Metalanguage: Social and ideological perspectives*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004.
- LEI ORGÂNICA nº 2/2006 de 17 de abril de 2006. Lisboa. Disponível em: <https://www.portaldocidadao.pt/NR/rdonlyres/8A3641C9-BD86-422D-A3BC-876D8F464D63/0/leinacionalidade.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.
- MATIAS, A. R. Da Ucrânia a Portugal: Trajectos migratórios e modalidades de inserção no mercado de trabalho. In: *Vº CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA. SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS: REFLEXIVIDADE E ACÇÃO*. Atelier: Migrações e Etnicidades. Atas dos ateliers, p. 1–8. Lisboa: CESIS - Centro de Estudos para intervenção Social, 2004.
- NIEDZIELSKI, N.; PRESTON, D. *Folk linguistics*. Berlin, New York: Mouton De Gruyter, 2003 [1999, 1ª Ed.; 2000 2ª Ed.].
- PARDAL, L.; FERREIRA, H.; AFONSO, E. Língua e Integração: Representações Sociais de Imigrantes. In: ANÇÃ, M. H. (Ed.), *Aproximações à Língua Portuguesa*, p. 61–80. Aveiro: Centro de Investigação em Didáctica e Tecnologia na Formação de Formadores, Universidade de Aveiro, 2007.

PAVEAU, M.-A. Les non-linguistique font-ils de la linguistique? Une approche anti-éliminativiste des théories folk. *Pratiques*, 139–140, p. 93–110, 2008.

PAVEAU, M.-A. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. *Revista Policromias*, UFRJ, p. 21-45, 2018.

PEIXOTO, J.; IORIO, J. *Crise, Imigração e mercado de trabalho em Portugal: retorno, regulação ou resistência?* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

PEREIRA, T. S.; REIS, J.; SERRA, N.; TOLDA, J. *Imigrantes em Portugal. Economia, Pessoas, Qualificações*. Lisboa: Edições Almedina, 2010.

PRESTON, D. R. A language attitude approach to the perception of regional variety. *Handbook of Perceptual Dialectology*, 1, p. 359–373, 1999.

PRESTON, D., What is Folk Linguistics? *Målbryting*, 6, p. 13-23, 2002.

PRESTON, D. R. Qu'est-ce que la linguistique populaire? Une question d'importance, *Pratiques*, 139-140, p. 1-24, 2008.

PRESTON, D. R. Folk linguistics and language awareness. In P. GARRETT, P.; COTS, J. M. (Eds.) *The Routledge Handbook of Language Awareness*. London: Routledge. p. 375-385, 2018.

PRESTON, D.; BAYLEY, R. Variationist Linguistics and Second Language Acquisition. In: RITCHIE W; BHATIA T. K. (Eds.), *The New Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Elsevier, 2005.

SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS/ SEF. Relatório de imigração Fronteiras e Asilo. Lisboa: SEF, 2009, 2018, 2019. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/forms/relatorios.aspx>. Acesso em 20 abr. 2021.

STEGU, M. Linguistique populaire, language awareness, linguistique appliquée: interrelations et transitions. *Pratiques*, 139-140, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pratiques/1193>. Acesso em: 24 abr. 2021.